

ISSN 2358-3320



01/07/2015



ISSN 2358-3320

CARTA DO EDITOR

Dando continuidade aos pequenos textos, para registrar as informações dos Batuqueiros do R.S.

Sua majestade o *Aláààfin Òyó* doa um terreno para adoração de *ojúbo òkè sòro*.

Importante registro de como *Òrúnmìlà* recebeu o oráculo de *Òrìsà-nlá,* colhido diretamente de *Òyó*, trará um novo norte para os estudos e conceitos da diáspora Afro-brasileira.

O escritor e professor Aulo Barreti, fornece um riquíssimo texto, sobre a origem religiosa das principais referências afro-religiosas.

O texto Fios de conta do Candomblé, ajudará a entender como e quem pode usar determinados fios de contas, ilustrando cargos e posições iniciáticas e sacerdotais, através das contas destes fios.

E finalmente os tratados dos Sacerdotes da Santeria rompendo com a religião tradicional Yorùbá (RTY).

Boa leitura

Erick Wolff8

ÍNDICE


Ọlọ́run

PEQUENOS TEXTOS SOBRE O BATUQUE DO R.S.



ÌYÁ EVA DE *ÒSANYÌN*, nascida no dia 26 de junho de 1935, falecida em 27 de novembro de 2002. Iniciada em 1965 no Batuque do R.S., pelo *Bàbá* Onofre de *Yemanjá*, tradição *Òyó*, chegando a se governar por um tempo e depois migrou para as mãos *Bàbá* Hélio de *Ṣàngó*, tradição *Kànbína*, chegando a falecer com 37 anos de vasilha do pai *Òsanyìn*.

Dirigente espiritual do templo Casa de Nação 26 de Junho, Tenda de Umbanda Ogum Rompe Mato. Caxias do Sul.

Contam os filhos que *Ìyá* Eva de *Òsanyìn*, sofreu de câncer, e quando foi descoberto, o próprio pai *Òsanyìn*, chegou a disse que ele seguraria a *Ìyá* por mais sete anos, e cumpriu a promessa feita.

Fonte – *Bàbá* Odilon de *Xapanã Jubiteí*, filho da *Ìyá* Eva de *Òsanyìn*, Curitiba, PR.



ÀSÀ ÒRÌSÀ



RC 70064

TRADITIONAL RELIGION WORSHIPPERS ASSOCIATION
ÒYÓ ALÁÀÀFIN

Sàngó Òsun Oya Iyemonja Egbé Ifá Èsù Obàlúayé Ògún Orò Egúngún Obàtálá

Short story from *Odù Èjìlàá Asèbora*:

Elédùmarè called the 401 Irúnmolè to send them to the *ayé*, giving *Obàtálá* the responsibility of the journey, being the oldest among all.

On the way back to the earth the *Òrìsà* got tired and decided to rest for a while, *Òrìsà Nlá* tried to encourage them and used his cutlass to cut the palm to get palm wine.

All of them drank, but *Òrìsà Nlá* drank a lot and slept. *Òrúnmìlà* took the property that *Elédùmarè* gave to *Òrìsà Nlá* to lead the way to the earth. These properties are *Àdá Òòsà* and *Eèrìndínlógún*.

Six *Òrìsà* were not tired and decided to continue their journey to the *ayé*. When *Òrìsà Nlá* woke up, run to meet the other six on their way to the earth.

The first wave arriving to the earth were only seven *Òrìsà: Ògún, Obàtálá, Sàngó, Òrúnmìlà, Obàlúayé, Èsù and Ìyàmí.*

By

- Chief Sangodele Ibuowo, Elegun Sango Alaafin, Oyo, Oyo State, Nigeria
- Sangowale Babalola, Sango priest, Oyo, Oyo State, Nigeria
- Sangodiran Ibuowo, Sango priest, Oyo, Oyo State, Nigeria

ÀSÀ ÒRÌSÀ / ONÍ SÀNGÓ ALÁÀÀFIN

09/03/2015

HEAD QUARTERS
P.O. BOX 15, PALACE OF ALÁÀÀFIN, ÒYÓ, ÒYÓ STATE, NIGERIA
Mail asaorisa@gmail.com phone (00234) 08039101918 , 07069687206



ÀṢÀ ÒRÌṢÀ

RC 70064

TRADITIONAL RELIGION WORSHIPPERS ASSOCIATION
ÒYÓ ALÁÀÀFIN

Ṣàngó Ọ̀ṣun Ọya Iyemọnja Ẹgbẹ́ Ifá Èṣù Ọbalúayé Ògún Orò
Egúngún Ọbàtálá

NEWSLETTER

Ao/01 13.03.2015

Eérìndílógún (16 cowries): the ancient voice of Elédùmarè

Yoruba traditional religion concept is to praise *Olódùmarè* through the Power Delegate to the *Òrìṣà*, Orishaism, which is followed until today by all traditional *Òrìṣà* communities in *Ọ̀yọ́ Aláàáfin.*

In Yorubaland there are different systems of divination: *Obi* divination, *Eérindínlógún*, followed by *Ọ̀pẹ̀lẹ̀* and *Ikin.*

The entire divination system started from *Ọbàtálá*, based on the verses of the *odù Ẹ̀jìlàá Aṣẹ̀bọra*, being *Eérindínlógún* older than *Ọ̀pẹ̀lẹ̀* and Ikin divination, known today as *Ifá.*

Based on the same verse, *Elédùmare* born all the *Òrìṣà* being 7 the first wave to arrive to the earth.

HEAD QUARTERS
P.O. BOX 15, PALACE OF ALÁÀÀFIN, Ọ̀YỌ́, Ọ̀YỌ́ STATE, NIGERIA
Mail asaorisa@gmail.com phone (00234) 08039101918 ,07069687206

ÀSÀ ÒRÌSÀ

RC 70064

ASSOCIAÇÃO DOS CULTUADORES DA RELIGIÃO TRADICIONAL
ALÁÀÀFIN DE ÒYÓ

Sàngó Òsun Yemonja Egbé Ifá Èsù Obàlúayé Ògún Orò Egúngún Obàtálá

BOLETIM INFORMATIVO

ÀSÀ ÒRÌSÀ / 02 CIDADE DE ÒYÓ MARÇO 2015 / N. 2

NOTÍCIAS

ALÁÀÀFIN ÒYÓ DOA *OJÚBO ÒKÈ SÒRO*



Sua Imperial Majestade, *Oba* Adeyemi III, o *Aláààfin* Òyó doa para a Associação *Àsà Òrisà* o terreno do *Ojúbo Òkè Sòro*, localizado na zona norte de *Òyó*, em *Òkè Ààfin*, onde os devotos cultuam *Òrisà Òkè* durante o festival de *Obàtálá*, em *Òyó.*

Òkè Sòro significa "montanha falante". Acredita-se que antigamente este *ojúbo* falava, por isso, as árvores estão sendo replantadas, pois foram cortadas por adeptos das religiões não tradicionais.

Esta área é para ser preservada eternamente em seu estado natural como um monumento, para a atual geração e para a geração vindoura, não pode ser vendida, nem ter sua forma atual modificada.

HEAD QUARTES
P.O. BOX 15, *PALACE OF ALÁÀÀFIN, ÒYÓ, ÒYÓ STATE, NIGÉRIA*
E-mail: asaorisa@gmail.com Phone (00234) 08039101918, 07069687206

Tradução e adaptação:
Luiz L. Marins
http://www.luizlmarins.com.br

Complementado com informações
pessoais adicionais fornecidas pela fonte.

Publicado primeiramente em Internet, Facebook, disponível em:
https://www.facebook.com/profile.php?id=100008434714703

COMO *ỌRÚNMÌLÀ* RECEBEU O ORÁCULO DE *ÒRÌṢÀ-NLÁ*

Luiz L. Marins
http://www.luizlmarins.com.br
Junho de 2015

Willian Bascom registrou em seu famoso livro "*Sixteen Cowries*" um verso sagrado recitado pelo *bàbálòrìṣà* Ṣalako, de Igana, *Ọ̀yọ́*, Nigéria, no qual narra como *Ọ̀rúnmila* recebeu os dons de divinação das mãos de *Òrìṣà-nlá*. O *ìtàn* mostra uma época impossível de mensurar, em que a religiosidade ioruba era muito diferente da que vemos hoje.

Conforme informação pessoal de Ṣàngódina Agbolori, Ọ̀yọ́, *apud*, Paula Gomes, do *Àṣà Òrìṣà Aláààfin Ọ̀yọ́*, junho de 2015, este *ìtàn* registra-se no *odù ofun*. A tradução e adaptação é nossa. [1]

[1] Bascom não registrou o odu. BASCOM, William. *Sixteen Cowries*, Indiana University Press, 1993 [1980], p. 19.

OFUN

COMO *ỌRÚNMILA* RECEBEU O ORÁCULO DE *ÒRÌṢÀ-NLÁ*

Apodihọrọ, Òrìṣálá Oseregbo.
Bàbá teve 401 filhos.
Apodihọrọ, Òrìṣálá Oseregbo,
Bàbá criou 401 profissões,
Apodihọrọ, Òrìṣàlá, Oseregbo,
Bàbá criou 401 talentos
Quando *Bàbá* criou seus 401 filhos.
Ele criou também 401 profissões.
Ele disse que cada um deveria escolher a sua.
Ali estava *Ọrúnmilá*,
Ele não era forte como um cupinzeiro.
Segurar uma enxada era problema para ele.
Carregá-la, era difícil até mesmo andar.

Não havia trabalho fácil para *Òrúnmìlá*.

Bàbá disse: "O que você vai fazer? "

Òrúnmìlà disse que iria ser adivinho.

Bàbá disse: "Que tipo de adivinho? "

Òrúnmìlà disse: "Para tudo aquilo que as pessoas quiserem saber. "

Obí foi o que ele trouxe para *Bàbá* naqueles dias.

Se alguém falasse no *Obí* e jogasse.

Era o *Bàbá* que dava o conselho.

Então ele chamou *Òrúnmìlá*.

Que tinha um saquinho de adivinhação.

Bàbá levou o saquinho de *Ifá*.

Ele disse que Òrúnmìlá deveria aprender a usá-lo.

Que se alguém quisesse algo, deveria falar com *Òrúnmìlá*.

Todos que quisessem perguntar deveriam ir à *Òrúnmìlá*.

E quando *Òrúnmìlá* olhou para o seu *Ifá*.

Tudo que eles queriam saber, *Òrúnmìlá* falaria.

O que quer que fosse *Òrúnmìlá* diria a eles.

Ninguém mais visitou *Bàbá* (para divinar).

Eles passaram a visitar *Òrúnmìlá*.

Uma mulher que estivesse grávida há um dia,

Òrúnmìlá podia saber e assim em diante.

Então, *Òrúnmìlá* tornou-se adivinho.

Ele disse: "*Bàbá*, e sobre as folhas? "

Bàbá disse: "Aquela que vem com este problema, esta é a folha que dará a ela. "

Então, *Òrúnmìlá* tornou-se adivinho.

E todos quiseram se tornar adivinho.

Egúngún também queria.

Bàbá disse: "Não, você é forte. "

Ògún queria ser um deles.

Bàbá disse: "você é forte. "

Você deveria ser comerciante.

Hoje, os devotos de alguns *Òrìṣà* podem ter oráculo.

Isso graças à *Òṣun*.

Era *Òṣun* que não deixava *Òrúnmìlá* descansar.

Não o deixava sair.

Tanto insistiu, até que *Òrúnmìlá* lhe ensinou divinação.

Foi com *Òsun* que alguns *Òrìsà* aprenderam a divinar.

Mas *Erinle* não aprendeu

Òrìsà Oko não aprendeu

Ògún não aprendeu,

Egúngún também não aprendeu.

Eles não receberam os dezesseis búzios.

Os dezesseis búzios de *Soponá*

Sempre estiveram na sua mão

Mas as lutas não o deixavam divinar.

Por ser frágil *Òrúnmìlá* se tornou divinador.

Ele cantava:

Apodihoro, Òrìsálá Oseregbo.

Bàbá teve 401 filhos.

Apodihoro, Òrìsálá Oseregbo,

Bàbá criou 401 profissões,

Apodihoro, Òrìsàlá, Oseregbo,
Bàbá criou 401 talentos,
Apodihoro, foi aquele que me deu um meio de vida,
Apodihoro, foi com ele que aprendi, agora estou comendo,
Apodihoro, foi com ele que eu aprendi, estou comendo Obí e pimenta,
Apodihoro, foi com quem aprendi, estou comendo sal e dendê,
Apodihoro, foi com ele que aprendi ganhar dinheiro com meu jogo,
Apodihoro, foi como Òrúnmìlá se tornou divinador.
Ofun é isto
Òrìsà diz assim.

No conceito teológico orixaísta, este verso mostra *Òrìsa-nlá* como o grande dispensador e delegador de poderes. Talvez, seja uma sobrevivência mitológica pré colonialista.

Outra informação que podemos deduzir deste verso é que "talvez", em seu início, o oráculo de *Òrúnmilà* estivesse ligado ao culto de *Òrìsà*, e não à geomancia, como existe atualmente.

Circula na internet uma versão adulterada deste verso no qual *Òrúnmìlà* recebe os poderes diretamente de *Olódùmarè*. Nesta falsa versão, o nome de *Òrìsà-nlá* foi propositadamente trocado.

Vemos nisto uma frustrada tentativa de alguns adeptos de *Òrúnmila*, que não aceitam teologicamente o verso recitado por Salako, no qual foi *Òrìsà-Nlá* quem deu os primeiros instrumentos divinatórios para *Òrúnmila*, por este ser de natureza frágil e impróprio para o trabalho. Foi isto que garantiu a sua sobrevivência.

O "SAGRADO" E O DUVIDOSO NA ETNOGRAFIA YORÙBÁ: OS CLÉRIGOS NATIVOS [2]

Aulo Barretti Filho [3]

http://aulobarretti.wordpress.com

[2] O título é tema de uma aula curricular do curso da Funaculty – "Cultura e Teologia *Yorùbá* Comparada", por nós ministrado desde 1979. Mais dados em http://funaculty.blogspot.com

[3] Escritor, pesquisador e professor da religião tradicional *yorùbá* e da afro-brasileira. *Bàbálórìṣà* do candomblé *Kétu* (Bahia) reafricanizado *Ilé Aṣẹ Ọdẹ Kitálesi* (em São Paulo, Brasil) e *Aṣọjú Ọba Alákétu*.
(em *Kétu* no Benin). Odontólogo e presidente da Funaculty – "Fundação de Apoio ao Culto e Tradição Yorùbá no Brasil." Mais detalhes em http://pt.wikipedia.org/wiki/Aulo_Barretti_Filho

São inúmeros os *yorùbá* que se aculturaram com as religiões dos colonizadores, e que utilizaram o conhecimento do idioma para impor as religiões estrangeiras. Vamos repassar rapidamente alguns deles, para mostrar quão duvidosos são seus "escritos sagrados" sobre o Òrìsàísmo[4].

O reverendo John Raban (CMC)[5] auxiliado por Ajayi Crowther, em 1830, publicam o *Vocabulário Eyo*, em que declaravam que "*Yorùbá*" é a denominação geral de um grande país, com "cinco" regiões, para não fracionar as publicações da bíblia.[6]

O real interesse, por parte dos missionários era grafar o *yorùbá* e, assim, traduzir e publicar a bíblia, destinada a sustentar seus esforços de evangelização em todas as cinco regiões, as quais, na realidade eram muitas mais, cada uma com seus dialetos, unificada agora através do koine, a moderna língua geral *yorùbá*.

---

[4] Cf. em http://aulobarretti.wordpress.com/orisaismo.
[5] Church Mission Society.
[6] Pierre Fatumbí Verger. *Orixás*, Salvador, Ed. Corrupio, 1981, p.15.

O bispo Samuel Ajayi Crowther[7] (1809-1891) um ex-escravo adotado por um senhor de nome Crowther, tornou-se um linguista e foi o primeiro bispo anglicano de origem africana *yorùbá*, na Nigéria.

Em 1852, ele escreve o *Vocabulário Yorùbá*, que era "então" sua língua, segundo a definição dos haussá. Começou a traduzir em 1840 a bíblia para a "língua *yorùbá*" e compilou um dicionário *yorùbá*.

Dom Emmanuel Moisés Lijadu, evangelista anglicano, *yorùbá* de Abeokuta, autor, catequista, ativista franco e diácono em 1894, era evangelista ardente e foi o criador da Banda Evangelística que percorreu o país. Em 1898, publicou um livro sobre o oráculo *yorùbá* de *Ifá*.[8]

O reverendo pastor anglicano de *Ọ̀yọ́* Samuel Jonhson publicou em 1921, *The History of the Yorubas*[9] (originalmente escrito em 1897), um clássico dos mais importantes sobre os *yorùbá*, especialmente os de *Ọ̀yọ́*.

[7] Samuel Ajayi Crowther. *A Dictionary of the Yoruba language*, Ibadan, CMS, Oxford University Press, 1980 (1843, 1852) (1937, 1950) [1913-1950].
[8] E. M. Lijadu, *Ifá: Imole Re ti Ise Ipile Isin ni Ile Yorùbá*, Ado-Ekiti (1898), Omolayo S. Press of Nigéria, 1972.
[9] Routledge & Kegan Paul Ltda, London, 1973.

Em 1931 em Lagos, o reverendo cristão David Onadele Epega publicou *The Mystery of the Yoruba Gods*. Seu filho, o também "reverendo" conhecido como o "Patriarca", Daniel Olarimwa Epega e seu filho Afolabi A. Epega (neto de David) foram igualmente escritores.

J. Olumide Lucas escreveu *The Religion of the Yoruba*[10]. Era arcediago, pastor da Igreja de São Paulo de Lagos, Nigéria.

E. Bolají Idowu, um famoso religioso e ativista cristão, por sua vez, escreveu *Olódùmarè, God in Yoruba Belief*[11], um clássico na área, pioneiro nos estudos da religião *yorùbá*. Sua interpretação de *Olódùmarè* foi e tem sido criticada e revisada, por expressar um viés cristão[12].

[10] New York, Athelia H. Press, (1948) 2001.
[11] Ibadan, Longman Group, 1977. 1ª Ed. 1962 (1960).
[12] Cf. John A. I. Bewaji, "Olodumare: God in Yoruba Belief and the Theistic Problem of Evil." In: *African Studies Quartely*, http://www.africa.ufl.edu/asq/v2/v2i1a1.htm, 1998; ou na tradução de Luiz L. Marins, "Olôdumare – Deus na Crença Ioruba e o Problema Teísta do Mal. In: http://www.luizlmarins.com.br/p/artigos.html

Chamado de "Sua Proeminência Bolaji" dentro dos círculos da Igreja Metodista foi o terceiro líder indígena desta, de 1972 a 1984. Arquiteto da constituição da igreja de 1976, seu mandato é descrito por alguns como um dos mais agitadores na história da Igreja Metodista da Nigéria**.**

J. Omosade Awolalu foi o autor de *Yoruba Beliefs and Sacrificial Rites*[13], era colega, amigo e seguidor de Idowu (seu orientador).

P. Ade Dopamu é autor do livro *Exu: O Inimigo Invisível do Homem*[14]. Conhecido cristão e ativista, nesse livro promove a apologia de que *Èṣù* é o mesmo ou o próprio diabo cristão. Jamais o *Òrìṣà Èṣù* pode ser comparado à divindade do mal absoluto, ao diabo e/ou satã das religiões cristãs e/ou muçulmanas, É de se estranhar que uma editora de um sacerdote nativo da tradicional religião *yorùbá* no Brasil, tenha traduzido e publicado um livro dessa natureza.

"Um fato muito importante e que deveria ser totalmente condenável é que sempre que se "estuda" ou se faz "pesquisa" no campo das religiões comparadas, os parâmetros e

[13] *Yoruba Beliefs and Sacrificial Rites*, London, Logman Group, 1979.
[14] *Exu: O Inimigo Invisível do Homem*, São Paulo, Editora Oduduwa, 1991(1986).

referenciais são sempre os do cristianismo, do islamismo e de outras religiões *para a religião tradicional dos yorùbá*. A recíproca, infelizmente, *nunca é verdadeira,* pois se assim o fosse, com certeza teríamos inúmeras e novas variáveis a serem avaliadas, para o bem da religião tradicional *yorùbá* e de suas descendentes. "[15]

Todos esses livros e autores aqui arrolados falam da religião tradicional dos *òrìṣà*. Porém, há que se ter extremo cuidado nos conceitos e conclusões que chegarem, pois são todos ativistas de outras religiões que, mesmo sendo nativos *yorùbá*, não estão preocupados com a religião tradicional, e sim em criar meios e subterfúgios de compará-las às suas próprias religiões, criticando assim a religião dos *òrìṣà* e induzindo o leitor a aceitar as religiões que usam como parâmetro como as únicas e verdadeiras religiões.

Algo que também almejamos é inverter esses parâmetros, a partir da aceitação e promulgação do conceito universal do Òrìṣàísmo.

- Adaptação e layout para esta edição: Luiz L. Marins - http://www.luizlmarins.com.br

[15] Aulo Barretti Filho. "*Ọsóòsì* e *Èṣù*, os *Orìṣà Alákétu*". In: *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu - Origens, Tradições e Continuidade.* Aulo Barretti Filho (Org.) São Paulo, Edusp, 2010, pp. 132-134.

FIOS DE CONTAS NO CANDOMBLÉ

Por Manuela

https://ocandomble.wordpress.com/author/ocandomble/

https://ocandomble.wordpress.com/



Na mitologia sobre a invenção do candomblé, os colares de contas aparecem como objetos de identificação dos fiéis aos deuses e o seu recebimento, como momento importante nessa vinculação. De acordo com o mito, a montagem, a lavagem e a entrega dos fios-de-contas constituem momentos fundamentais no ritual de iniciação dos filhos-de-santo, os quais, daí em diante, além de unidos, estão protegidos pelos orixás.

Feitos com contas de diferentes materiais e cores, esses fios apresentam uma grande diversidade e podem ser agrupados por tipologias de acordo com os usos e significados que têm no culto. Assim, acompanham e marcam a vida espiritual do fiel, desde os primeiros instantes da sua iniciação até às suas cerimónias fúnebres.

Como nos momentos da montagem e do recebimento, também o instante da ruptura é significativo; entretanto, o rompimento do fio-de-contas, mais do que indicar um mau presságio, que assusta e preocupa o indivíduo e a comunidade, pode ser o início de um novo ciclo, um recomeço, um momento de viragem que pede um novo fio. Dos primeiros fios – simples, ascéticos e rigorosos – às contas mais livres, exuberantes, complexas e

personalizadas que a pessoa vai produzindo ou ganhando ao longo do tempo, delineia-se o caminho de cada um na sua vinculação aos orixás e à comunidade do terreiro.

Desta maneira, mais do que a libertação do gosto particular, as transformações nos colares revelam o conhecimento adquirido pela pessoa e sua ascensão na hierarquia religiosa. Um leigo pode passar despercebido por um fio-de-contas ou vê-lo apenas como um adorno, enquanto um iniciado na cultura do candomblé o tomará como um objeto pleno de significados, que pode ser "lido" e no qual é possível identificar a raiz, o orixá da cabeça e o tempo de iniciação, entre outros dados da vida espiritual de quem o usa.

Dos ritos secretos e espaços fechados do culto aos orixás, os fios-de-contas ganharam o mundo e adquiriram novos usos. De África vieram para o Brasil e para todo o mundo onde o candomblé se tem difundido. Hoje, devido ao sincretismo religioso, além dos espaços de culto, é possível observar a presença de fios-de-contas em lugares inusitados como automóveis e lojas, mas já destituídos das funções e sentidos primordiais, usados apenas para proteger os espaços e as pessoas contra maus agouros.

Pode ser chamado fio-de-contas desde aquele de um fio único de missangas até a um colar com vários fios presos por uma ou várias firmas. A quantidade de fios pode variar de uma nação para outra na correspondência de cargos.

A HIERARQUIA NOS COLARES

Na hierarquia do candomblé toda a pessoa que entra para a religião será um Abiã e assim permanecerá até que se inicie. Ao Abiã só é permitido o uso de dois fios-de-contas simples de um fio só, um na cor branco leitoso que corresponde a Oxalá, de acordo com a nação e um na cor do Orixá da pessoa, quando já tenha sido identificado, dessa forma pode-se saber que a pessoa é um Abiã e qual é o seu Orixá.

Um Egbomi usa diversos colares de um fio só, com contas na cor dos Orixás que já tem assentados e estas já podem ser intercaladas com corais ou firmas Africanas.

O Candomblé é uma religião iniciática de carácter progressivo. A sua organização estabelece-se a partir de um conceito peculiar de hierarquia onde o que está "acima" não tem, necessariamente, poder sobre o que está "abaixo", mas vai adquirindo, com o tempo e as "obrigações", o direito de participar e "ver" aspectos mais profundos do quotidiano religioso obtendo, com isso, mais conhecimento.

A ascensão hierárquica faz-se pela associação indissolúvel de tempo e conhecimento; tempo sem conhecimento ou conhecimento sem tempo constituem-se como caminhos desviantes que tornam o indivíduo inadequado à convivência coletiva. Em síntese, a hierarquia no candomblé estabelece-se no sentido dos que "sabem" (no tempo) para os que "não sabem" (por terem pouco tempo).

No candomblé o saber realiza-se sempre no real; quem sabe, não sabe para si nem por si, sabe a partir da necessidade e para fins. O saber é ao mesmo tempo o segredo, a necessidade e a capacidade de materializar o conhecimento, transmutando mitos em ritos, práticas e objetos. Quanto mais conhecimento tanto mais ritos, práticas e objetos.

Um caminho interessante para se constatar isso é a observância sobre o fio-de-contas que, mais do que um adorno, é uma marca e uma fonte de axé. O simples colar ao ser imerso na devida mistura de folhas quinadas, associada a alguns outros materiais, transforma-se numa identificação que remete o indivíduo ao seu lugar na comunidade.

A cerimónia da lavagem das contas é, por assim dizer, a inserção do novato no universo mítico e místico do candomblé. Ao receber os seus primeiros fios-de-contas, geralmente um fio de Oxalá e outro de seu orixá pessoal[1], o então Abiã[2] apercebe-se da importância de Oxalá no conjunto dos orixás.

Oxalá é o deus do branco, o pai dos orixás, ou seja, uma energia geradora que antecede, no tempo, os demais orixás. Oxalá "pró-cria", abranda, arrefece e descansa. Os primeiros conhecimentos acerca deste orixá circunscrevem-se na própria simbologia do branco que, sendo o somatório de todas as cores, traz em si todas as possibilidades de cor. É a energia de onde tudo sai e para onde tudo retorna, por isso o branco é tanto a cor que festeja o nascimento[3] como a que marca o momento da morte. O luto no candomblé é branco pois representa o retorno do indivíduo à massa informe da ancestralidade.

OS RITOS

Necessariamente, o primeiro fio que se recebe é o branco de Oxalá, simbolizando o estado de latência que caracteriza o Abiã com um candidato à iniciação. O branco de Oxalá é o dialeto do justo descanso com o movimento gerúndio.

No período da iniciação, o Iaô, além de fazer jus a uma pequena coleção com os Inhãs[4] dos orixás que participam de sua configuração espiritual, recebe algumas contas específicas que o identificam como tal; são elas o Mocam[5], o Quelê[6] e os Deloguns[7]; nesta ocasião os fios irão "comer"[8] junto com o "santo", isto é, configurar-se-ão como verdadeiros campos de força.

Após a obrigação de três anos[9], é comum ao ainda Iaô, já com alguma graduação, ser presenteado com alguma conta mais "enfeitada" adquirindo, com isto, o direito de criar para si colares mais rebuscados com missangas um pouco maiores e até alguns poucos corais, primando ainda pela discrição.

Aquando da obrigação de sete anos, o agora Ebômi adquire adornos que o identificam como tal: o Runjebe, o Lagdbá, o Brajá, o Âbar, o Monjoló, os corais, as contas africanas multicoloridas e o alabastro. Mais do que isso, ganha a liberdade total de criar os seus próprios fios, seja no tamanho das contas, na riqueza dos detalhes ou dos próprios materiais a utilizar (ouro, prata, etc.). O Ebômi já conhece os seus "fundamentos", por isso ganha essa liberdade.

Entretanto, não termina aí a aprendizagem. Até aos sete anos o Iaô é tutelado e educado pelos seus iniciadores, a partir daí é tutelado pela própria liberdade. Muito embora, parafraseando José Flávio Pessoa de Barros, "a modéstia não seja bem-vinda no candomblé", o bom-tom e a justa medida são apreciadíssimos. O Ebômi deve ser um exemplo para o Iaô, principalmente no que diz respeito ao manuseamento de sua própria liberdade e a adequação às situações, dentro e fora da comunidade.

A confecção e utilização dos fios-de-contas deve ser sempre um exercício da criatividade, mas também deve corresponder a uma estética própria do candomblé que preserva através de seus objetos a sua própria história; inovações excessivas ferem a justa medida e tornam-se

inadequadas, uma vez que os objetos são importantes instrumentos de apoio à manutenção da tradição oral.

NOTAS

[1] Quando este não é filho do próprio Oxalá.
[2] Primeiro patamar da hierarquia. O Abiã ainda não é iniciado, é um candidato à iniciação que já pode participar da vida quotidiana da comunidade-terreiro, contribuindo, normalmente, com serviços domésticos, funções que lhe permitem tecer as primeiras observações que se tornarão conhecimentos ou não, conforme a sua capacidade e inteligência.
[3] Todos os Iaôs se vestem de branco por pelo menos três meses e repetem o uso do branco durante todas as suas posteriores obrigações.
[4] Fios de uma só "perna", isto é, o colar simples de uma só fiada de missangas cuja medida deve ir até a altura do umbigo.
[5] Cordão de palha da costa trançada cujos fechos são duas "vassourinhas" de palha; este cordão constitui um símbolo do Iaô e é, geralmente, preservado por toda vida. A palha da costa é utilizada ainda na confecção de quatro outras tranças que serão

amarradas nos braços, recebendo aí o nome de Icam, na cintura (a umbigueira) e no tornozelo, onde será acrescida de um guiso (o chaorô), cuja função é sinalizar o lugar onde se encontra o Iaô através do barulhinho que produz.

[6] Gargantilha confeccionada com 8 fiadas de missangas, entremeadas de firmas, todas na cor do orixá que está a ser "feito". O Quelê simboliza a ligação indissociável entre o orixá e o iniciado.

[7] Colares feitos de 16 fiadas de missangas com um único fecho cuja medida, como os Inhãs, vai até à altura do umbigo. Cada Iaô deve possuir, normalmente, um Delogum do seu orixá principal e outro do orixá que o acompanha em segundo plano.

[8] Serão banhados pelo sangue sacrificial.

[9] O processo de iniciação inclui além da feitura três outras obrigações: de 1, de 3 e de 7 anos (6 para os filhos de Xangô), quando enfim o novato se pode dizer iniciado, estando apto, inclusive, a iniciar outras pessoas. A partir de então deixa de ser Iaô para tornar-se um Ebômi (corruptela de egbon + mi = irmão mais velho)

YIAN/INHÃS:

Fios de uma só "perna", isto é, o colar simples de uma só fiada de missangas cuja medida deve ir até a altura do umbigo.



"Os fios de conta usados pelas vodunsis, em geral trata-se de colares simples, com uma única "perna" com as contas nas cores correspondentes ao vodun. O colar do(a) zelador(a) pode ser mais trabalhado, porém nada que fuja ao tradicional. " (Hungbono Charles)

DELOGUM:

Colares feitos de 16 fiadas de missangas com um único fecho cuja medida, como os Inhãs, vai até à altura do umbigo. Cada Iaô deve possuir, normalmente, um Delogum do seu orixá principal e outro do orixá que o acompanha em segundo plano.





BRAJÁ:

Longos fios montados de dois em dois, em pares opostos. Podem ser usados a tiracolo e cruzando o peito e as costas. É a simbologia da inter-relação do direito com esquerdo, masculino e feminino, passado e presente. Quem usa esse tipo de colar é um descendente dessa "união".

É o fio-de-contas usado por Babalaôs, Bokonon e outros sacerdotes africanos.

No Brasil é usado por Babalorixás, Iyalorixás, Ogans, Ekedis, e pessoas de outros postos de alta graduação do Candomblé. É um símbolo de nobreza, status, senioridade, sapiência, jamais poderá ser usado por pessoas que não tenham cargo ou posto.

O *Brajá* é usado pelos "filhos da cobra", como são chamados os filhos de Dan, Dangbê, Bessém, Oxumarê, Hongolo. Também é usado pelos filhos da terra, os filhos de Omolu, Obaluaiyê e por Voduns semelhantes e Nanã Buruku.

O *Brajá* representa as escamas da cobra ou serpente, representa a riqueza porque é feito com búzios abertos (que na África era usado como dinheiro ou moeda corrente), trançados com fios de cordonê, de um lado e de outro sobrepostos formando as escamas.

HUMGEBÊ/RUNGEVE:



Feito de missangas marrons, corais e seguis (um tipo de conta).

Entre os Fon do Benim, existe o hunjevé, que é um colar de miçangas vermelhas normalmente de 12 fios, usado pelos vodunsis dos "voduns vermelhos", ouhunvé, tais como Heviossô, Dan e Loko em certas regiões, e henu-vodun como Agassu, Adjahutó, Bosikpon, Sava, Ohwee, Kpentinkon e outros.

No Brasil pode ser chamado de hunjevé, humjébe ou humjebê, é composto de um único fio de miçangas na cor de ferrugem (entre o vermelho e marrom) intercaladas com contas de coral.

É entregue ao vodunsi (rodante, que entra em transe) do candomblé Jeje na obrigação de sete anos "odu ejé" quando ele passa a ser um sacerdote na entrega do oyê. Somente os vodunsis tem o direito de usá-lo; em determinadas casas é vetado o uso para ogans e ekedis.

"Alguns grafam também como *Hunjegbe.* Trata-se do colar conhecido como "a joia da nação", pertencendo exclusivamente a Nação Jeje, embora, devido a mesclas outras nações às vezes fazem uso do mesmo. " (Hungbono Charles)

"O Hunjeve é um colar pessoal, entregue a vodunsi quando completa seu ciclo de 7 anos, onde se tornará um *Etemi* (mais velho), embora alguns defendam que o Hunjeve deve ser entregue na iniciação. Quando a pessoa morre seu hunjeve é enterrado junto a ela depois que todos os preceitos forem realizados. " (Hungbono Charles)

"Vale ressaltar que o hunjeve é pessoal, sendo que não deve ser tocado muito menos usado por quem não seja seu dono. Para cada pessoa há um tamanho específico, assim como a quantidade de contas utilizadas, evidenciando a propriedade do colar. O Hunjeve é o símbolo da ligação vodun x vodunsi. " (Hungbono Charles)

LAGDIBÁ



Feito de fios múltiplos, em conjuntos de 7, 14 ou 21. São unidos por uma firma (conta cilíndrica). É um fio-de-contas usado por Babalaôs, Bokonon e outros sacerdotes africanos.

No Brasil é usado por Babalorixás, Iyalorixás, Ogans, Ekedis, e pessoas de outros postos de graduação do Candomblé de todas as nações, jamais poderá ser usado por pessoas que não tenham cargo ou posto.

O *Lagdibá* é feito de chifre de búfalo cortado em rodelinhas formando pequenos discos, normalmente é de cor preta, usados pelos "filhos" da terra Omolu, Xapanã, Sakpatá e outros.

"O Laguidibá é um outro colar também importante dentro da liturgia, confeccionado com chifre de búfalo, na cor preta, pertence aos voduns da família de Sakpata, embora vodunsis de outras famílias também o usem, geralmente depois que ganham cargo. " (Hungbono Charles)

Transcrição e adaptação: Luiz L. Marins

http://www.luizlmarins.com.br

FONTE DO TEXTO:

Internet, Site *Candomblé Mundo dos Orixás*, acessado em 21/06/2015. Disponível em:

https://ocandomble.wordpress.com/2008/05/02/fios-de-contas/

https://ocandomble.wordpress.com/2011/07/03/hunjeve-laguidiba-e-fios-de-conta/

HUNGBONO CHARLES (Perfil)

https://ocandomble.wordpress.com/author/huntoloji/

FONTE DAS IMAGENS:

Internet, Site *Olhos de Oxalá*, acessado em 21/06/2015. Disponível em:

http://olhosdeoxala.blogspot.com.br/2012/03/mitologia-dos-fios-de-contas.html

PEQUENO VOCABULÁRIO IORUBÁ X PORTUGUÊS

Por Erick Wolff[8]

Criamos este pequeno vocabulário para que os adeptos do Batuque, comecem a se familiarizar com o idioma, podendo ou não adotar o mesmo em seus templos ou rituais.

Àbúrò	(Abúro) - mais novo
Agbasomo	(Abaxómó) - filho adotado
Àláàfíà	Paz, felicidade
Àse	Amém
Bàbá kéréjù	(Baba Quereju) – pai pequeno
Ebí	Família
Ègbón	(Ebón) - mais velho >> não tem outra.
Gbaradì	Algo que está completamente pronto

Ìlẹ̀kẹ̀	(Iléqué) – contas de um colar.
Ìpèjẹ	Refeição comunitária
Ìyá kéréjù	(Ia quereju) – mãe pequena, ou tia
Àkọ́bí	(Akóbi) Primogênito, o primeiro filho nascido
Kọ̀bì[16]	(Kóbi) Construção de uma extensão no palácio do rei ou do chefe para servir como um cômodo.
Ọmọloju	(Ómóloju) - Neto
Ọmọsíkà -	(Ómóxíca) Chave da porta.
Òòṣà	(Ôôxa) – Forma reduzida de Òrìṣà.
Òòṣàlẹ̀kẹ̀	(Ôôxaléqué) – A palavra para Imperial.
Òpó	(Opô) Poste, pilar.

[16] *Kọ̀bì* – veja a construção ou abertura no palácio de *Ọ̀yọ́* na revista Olorun nº 24, O palácio de Òyó, p. 65.

Ìlèkè	(Iléqué) – contas de um colar.
Ìpèje	Refeição comunitária
Ìyá kéréjù	(Ia quereju) – mãe pequena, ou tia
Àkóbí	(Akóbi) Primogênito, o primeiro filho nascido
Kòbì[16]	(Kóbi) Construção de uma extensão no palácio do rei ou do chefe para servir como um cômodo.
Omoloju	(Ómóloju) - Neto
Omosíkà -	(Ómóxíca) Chave da porta.
Òòsà	(Ôôxa) – Forma reduzida de Òrìsà.
Òòsàlèke	(Ôôxaléqué) – A palavra para Imperial.
Òpó	(Opô) Poste, pilar.

[16] Kòbì – veja a construção ou abertura no palácio de Òyó na revista Olorun nº 24, O palácio de Òyó, p. 65.

Àpèje	*Refeição comunicatária*
Ojó èsin	(ojó essin) - dia do culto = *Toque de òrìsà*
Yàrá-bo	Quarto sagrado.
Yàrá-Òòsà	Quarto Òrìsà.

Àpèje	*Refeição comunitária*
Ojó èsìn	(ojó essin) - dia do culto = *Toque de òrìsà*
Yàrá-bo	Quarto sagrado.
Yàrá-Òòsà	Quarto Òrìsà.

SACERDOTES DA SANTERIA ROMPEM COM A RELIGIÃO TRADICIONAL YORÙBÁ (RTY).

09/06/2015

Tradução e adaptação: Luiz L. Marins

http://www.luizlmarins.com.br

SACERDOTES DA SANTERIA ROMPEM COM A RELIGIÃO TRADICIONAL YORÙBÁ (RTY).

09/06/2015

ACORDO DOS OBA ORIATE DO SUL DA FLÓRIDA

Na cidade de Miami, no dia 02 de junho de 2010, reuniram-se os maiores da religião Lukumi, entre eles, os Oba Oriatés, os diretores e mestres de cerimônias, consagração e adoração, bem como seus iniciados, que residem, oficiam e desempenham os seus deveres religiosos Lukumis, como tal, na região Sul da Flórida.

O conselho convocado para analisar e debater os recentes incidentes que ocorreram com os praticantes da chamada Religião Tradicional Yorubá (RTY) que residem na região sul da Flórida, os conflitos e discrepâncias na teologia e na prática ritual que têm surgido entre os dois sistemas religiosos. Como tal, o conselho veio à ordem como uma entidade independente, que não é filiado a qualquer instituição, e as seguintes resoluções abaixo foram ratificadas.

Estas resoluções resolvem explicitamente transmitir o sentimento individual e unânime do corpo de sacerdotes religiosos e devotos que representam e preservam o patrimônio religioso e legado da religião Santeria em sua forma tradicional cubana.

Os Oba-oriatés convocados ratificaram o seguinte acordo:

ACORDO:

I. A Constituição dos Estados Unidos da América garante o direito inalienável e inalterável de cada pessoa que recebe em seu seio. Entre estes, a cada cidadão é garantido o direito à liberdade de religião, direito este que valoriza e reconhece como patrimônio da humanidade, um catalisador fundamental da sociedade e toda a civilização humana. Todos os seres humanos, não importa onde reside, têm o direito de praticar a religião de sua escolha, sem o receio de perseguição e medidas injustas que possam violar esse direito fundamental.

II. Como sacerdotes da Santeria, devemos manter e defender uma herança religiosa que existe há mais de dois séculos, e que continua a responder às necessidades religiosas fundamentais de seus devotos.

Nós não precisamos modificar, corrigir, justificar, modernizar, nem abandonar os princípios teológicos de sabedoria religiosa que nos foi legado pelos nossos antepassados Santeria e os fundadores de nossa tradição religiosa em Cuba, uma devoção que temos desde disseminada em toda a Diáspora.

Ressaltamos que os nossos rituais, cerimônias e protocolos são executadas de acordo com os ensinamentos dos nossos antepassados, a sabedoria de que nós não temos a necessidade, nem a intenção de abandonar, alterar, adotar ou adaptar os critérios, exigências ou imposições sobre as nossas tradições Lukumí, nem os mecanismos coercitivos de tradições estrangeiras reformadoras de nossos costumes da Santeria que desconhecem nossa história, valores, princípios e patrimônios, nas Américas e na Diáspora da Santeria.

III. Embora os rituais e consagrações praticadas em Religião Santeria e na RTY tenham as mesmas origens étnicas, culturais e geográficas, as nossas práticas diferem consideravelmente.

Por isso, consideramos que os dois sistemas religiosos têm ritos específico, intrínsecos e particulares, protocolos e consagrações que respondam às necessidades específicas dos seus devotos, *mas são incompatíveis entre si*.

Como tal, cada tradição deve ser considerada uma tradição autônoma e deve permanecer dentro dos parâmetros de seu próprio culto e da doutrina, mantendo assim um nível de respeito mútuo, e assegurar que os nossos rituais não sejam confundidos e/ou mista.

IV. Nós reiteramos enfaticamente, que as práticas da religião Lukumi e da RTY são completamente diferentes e de forma inequívoca e, como tal, não existem semelhanças nas práticas rituais observados no momento presente, que pode levá-las em conjunto. Consideramos que ambos os sistemas religiosos são totalmente separados e independentes.

V. Nós estabelecemos, e reiteramos, que os representantes da Religião Lukumi e da RTY seguem e estão vinculados por princípios distintos e separados, e quanto aos procedimentos dos seus rituais, ensinamentos teológicos, religiosos e protocolos. Portanto, cada grupo terá que executar, dentro dos limites e das margens de seu próprio culto, as consagrações rituais próprias de seu templo.

VI. Os sacerdotes ordenados na religião Lukumi, que por qualquer razão ou desejo desejam ser iniciados e/ou converterem-se às práticas da religião RTY deverão abandonar e renunciar a todo e qualquer direito - hierárquica e prática no âmbito do sistema religioso Lukumí.

Nós não reconhecemos nem validaremos a consagração ou os privilégios dos sacerdotes que abandonaram a religião Lukumí para adotar a religião dos tradicionalistas ioruba, chamada RTY. Se eles decidirem abandonar religião Lukumí e iniciarem no rito tradicionalista, perderão o status religioso que adquiriram através da sua iniciação na Santeria.

Parágrafo 1. Fica claramente estabelecido que toda e qualquer pessoa que se converter às práticas tradicionais iorubas da RTY, perderá todo e qualquer direito em nossa tradição. Estas pessoas não podem participar em qualquer um dos nossos ritos e cerimônias, independentemente da cerimônia e/ou nível hierárquico do indivíduo ou ritual.

Parágrafo 2. Qualquer pessoa que, ao contrário do parágrafo anterior, iniciou-se primeiramente na prática da RTY, e que não foi iniciado na religião Lukumí, se quer se juntar

à nossa comunidade religiosa, terá de passar pelos nossos diferentes níveis de consagrações e rituais de ordenação, necessárias para adquirir o status desejado na comunidade religiosa Santeria.

VII. A religião Santeria reconhece dois tipos de rituais: público e privado. Os ritos considerados "privados" são os rituais e cerimônias que limitam a participação de pessoas de forma adequada e ritualisticamente ordenado e/ou consagrada no sacerdócio, seguindo o padrão que nos foi legado pelos nossos antepassados da

Santeria.

Os rituais que devem ser entendidos como "públicos" são os eventos sócio-religiosos que são comemorados de forma aberta e publicamente, na qual os membros da comunidade leiga e secular podem estar presentes, independentemente de sua filiação religiosa, na medida em que sua presença está no espírito de partilha respeitosa e de aprendizagem.

VIII. Os Oriatés que livre e voluntariamente aceitarem esses acordos aqui propostos, concordam em não aceitar, receber ou permitir dentro do nosso Igbodús (quarto de santo), as pessoas ordenadas na RTY.

No caso de uma ou mais dessas pessoas que estarem presentes em qualquer rito Lukumi, o Oriaté oficiante tem o direito de parar o ritual se essas pessoas continuem a estar presentes. Tem o Oriaté o direito de recusar a oficiar, e abandonar o local.

Parágrafo 1. Nestes casos, o Oriaté que se recusar a realizar o ritual é obrigado a devolver os honorários (axedi) antes da partida. Além disso, o Oriaté deve comunicar com o Oriatés que ratificaram este acordo, informá-los sobre a ocorrência, e comunicalos sobre todas as informações pertinentes e relevantes do caso.

Parágrafo 2. Todos os Oriatés são obrigados a apoiar a decisão do Oriaté que decidiu abandonar a cerimônia e para expressar sua solidariedade com a decisão do Oriaté inicial do fato, saindo assim todos em defesa de nossa herança religiosa.

Parágrafo 3. No caso de outra Oriaté ser chamado para substituir o que saiu, o novo Oriaté tem as seguintes obrigações éticas:

- Investigar as razões que provocaram o incidente.
- Comunicar-se com o Oriaté anterior para verificar os detalhes do incidente.
- Depois de ouvir ambos os lados, determine a melhor forma de proceder.
- Se as circunstâncias que ocasionaram o conflito persistirem, todas as pessoas que aderem a estes acordos são moralmente e eticamente obrigados a recusar a executar os seus serviços.

A divulgação e difusão deste acordo e suas disposições para informar os nossos sacerdotes e religiosos da comunidade será de extrema importância.

IX. Todos os sacerdotes e os devotos da RTY podem participar de nossos eventos e cerimônias públicas, enquanto eles agirem e se portarem de uma forma cordial, civil e ética.

Eles não devem fazer proselitismo ou empregar métodos coercitivos ou pejorativos usando propaganda que possa ser considerada ofensiva à nossa herança religiosa, na medida em que daria motivo para pedir que eles deixem e interromper esse tipo de comportamento ou de comunicação.

Se o comportamento persistir, serão convidados a deixar o local imediatamente. É reservado o direito da pessoa que patrocina o evento, admitir ou negar a entrada de qualquer pessoa ou pessoas para as cerimônias públicas.

Os Oriatés Oba e seus aprendizes que decidirem ratificar e assinar esses acordos, assumem o compromisso de convocar reuniões e comunicarem seus seguidores, e outros Olorixás e

Babalaôs da Religião Lukumi, nos Estados Unidos e da Diáspora Lukumi, por qualquer meio em sua disposição, comunicando os dados desses acordos.

Além disso, o Conselho salienta a necessidade de comunicar os dados desses acordos a todos os outros sacerdotes e seguidores de diferentes tradições Orixá das Américas e da Diáspora.

X. Este acordo receberá as assinaturas dos Olorixás e Babalaôs que desejarem acrescentar seus nomes e apoios a este Conselho, por procuração, pessoalmente ou por via eletrônica.

XI. Entende-se que estes acordos são de domínio público, e como tal é permitido a reprodução por todos os meios de comunicação.

FONTE: Internet. *Orishas Em Monagas*. Acessado em 24/05/2015. Disponível em:

http://orishasenmonagas.blogspot.com.br/2010/12/convenio-de-los-oba-oriates-del-surde.html

Obá Oriatés, Olorishas and Babalawos in agreement

Name Nombre	Ocha name Nombre en ocha	Title Título	City Cuidad
Ernesto Pichardo	Obá Irawo	Obá Oriaté	Miami
Máximo Texidor	Shangó Ladé	Obá Oriaté	Miami
Miguel "Willie" Ramos	Ilarí Obá	Obá Oriaté	Miami
Manolo Mederos	Onaré	Obá Oriaté	Miami
Carlos M. "Machito" Breso	Obá Ilú	Obá Oriaté	Miami
Carlos J. Breso	Edubí	Obá Oriaté	Miami
Romualdo "Popi" Cioffi	Ikudasí	Obá Oriaté	Miami
Orlando Cardelle	Shangó Leye	Obá Oriaté	Miami
Luís Avilés	Eshu Bí	Obá Oriaté	Miami
Carlos Valdés	Okánlá	Obá Oriaté	Miami
Tony Peña	Obá Bí	Obá Oriaté	Miami
Nelson Hernández	Okán Yomí	Obá Oriaté	Miami
Román Rodríguez	Olorún Bí	Obá Oriaté	Miami
Jorge Castillo	Tinibú	Obá Oriaté	Miami
Lázaro Romeo	Omí Tawadé	Obá Oriaté	Miami
Juan Carlos Cabrisas	Eshu Bi	Obá Oriaté	Miami
Lazaro Alfaro	Chango Lari	Obá Oriaté	Miami

Rita Guerra	Okan Tomi	Apprentice	Miami
Lázaro Julián Cardoso	Obálorúnbí	Apprentice	Miami
Juan Carlos Breso	Ola Leke	Apprentice	Miami
Roberto Yanes	Ayodelé	Apprentice	Miami
Jeffrey M. Gonzalez	Olubanke	Apprentice	Miami
William Zapata	Oshún Funké	Apprentice	Miami
Raul Piélago	Arabí	Apprentice	Miami
Glen Corredeira	Adé Olorún	Apprentice	Miami
Carlos Breso, Jr.	Obánilé'okán	Apprentice	Miami
Alfredo Alvarez	Oyeyeí	Apprentice	Miami
Melvin D. Santana, Jr.	Atanda	Obá Oriaté	
Rafael Comas	Omilaye	Obá Oriaté	Miami
Jose R. Merced	Yeguede	Obá Oriaté	Euless
Hugo Cardenas	Eshu Miwa	Obá Oriaté	Mexico
Roberto Abreu	Oba Ikoro	Obá Oriaté	Hialeah
Francisco	Foluke	Obá Oriaté	Venezuela
Abraham Soto	Omi-Eleke	Obá Oriaté	New York
Franky	Kosonike	Obá Oriaté	Mexico
Jose Riera	Obba Obere	Obá Oriaté	Venezuela
Alberto Quintero	Osun Alayande	Obá Oriaté	Venezuela
Anibal Guerrero	Okan Tomi	Obá Oriaté	Miami
Danilo Corrons	Oba Irawo	Obá Oriaté	Miami
Jose Manuel Ginart	Oya Dina	Obá Oriaté	New York

Mario Garcia	Kuariosha	Obá Oriaté	Tampa
John Mason	Efun Lade	Obá Oriaté	New York
Temujin Ekunfeo	Obalorun	Obá Oriaté	Pennsylvania
Nelson Rodríguez	Omí Delú	Obá Oriaté	New York
Eduardo Faiña	Yomí Yomí	Obá Oriaté	Orlando
Lazaro Cuesta		Babalawo	Cuba
Yeyefini Efunbolade		Iyanifa	Miami
Iya Orite Olasowo	Adefunmi Iya	Iyanifa	Miami
Alberto Alvarez	Oloye Oduyemi of Ile-Ife	Babalawo	Miami
Manolo Erice		Babalawo	Miami
Jorge Perdigón	Ocha Inle	Obá Oriaté	Habana, Cuba
Jose "Taito" Reyes	Obanikoso Laye	Obá Oriaté	Puerto Rico
Eduardo Conde	Oluwo Ogboni Ifabilawo	Babalawo	Opalocka, FL
Jose Enrique Gorordo	Ewin Lade	Obá Oriaté	Habana, Cuba

Tradução e adaptação: Luiz L. Marins

http://www.luizlmarins.com.br

O Araba Aworeni de ifé e o quarto na hierarquia de poder em Ifé. 1 Obatala, 2 oduduwa, 3 Olofin e 4 Araba. Na Nigeria não existe o Araba Agbaye, todos estes títulos são relativos, pois são novas versões. Não são títulos antigos com algum poder religioso na comunidade. O mesmo acontece com os títulos ISESE, não existe nenhum sacerdote que tenha o poder de controlar todas as comunidade de *Òrìṣà*. Em *Ọ̀yọ́* temos o título AARE ISESE OYO EMPIRE, que representa todos o Isese, mas não tem de controlar ou decidir por nenhuma comunidade. Este título tem a função de por vezes representar o Alaafun para a comunidade tradicional ou se existe algum problema na comunidade de poder ajudar toda a comunidade de *Òrìṣà* e resolver a situação.

Fonte PGculturalFoundation Oyo < https://www.facebook.com/pgfoundation.oyo >